



A VISIBILIDADE DO INTÉRPRETE DE LIBRAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID- 19: ALGUMAS PERCEPÇÕES SOBRE O ANO DE 2020

Anderson da Silva Nascimento
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
anderson_silva@ufms.br
orcid 0000-0001-7831-1800

Fernanda Malinosky Coelho da Rosa
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
fernanda.malinosky@ufms.br
orcid 0000-0002-4873-1107

Resumo:

Durante praticamente todo o ano de 2020 o Brasil e o mundo se viram assolados por uma enfermidade que causou pânico e medo nas pessoas, um vírus, o Coronavírus ou COVID-19, que acabou transformando o modo de viver da civilização mundial. Sendo assim, esse artigo tem como objetivo apresentar o papel do intérprete na acessibilidade durante a pandemia no Brasil e a importância das expressões durante o processo de interpretação. Para a realização deste trabalho foi feito um ensaio teórico e dentre os autores estudados temos: Quadros (2004), Gesser (2009), Lacerda (2011), Perlin (2006), além da legislação vigente em nosso país.

Palavras-chave: Acessibilidade. Surdez. Inclusão.

Introdução

No Brasil, assim como em várias partes do mundo, o ano de 2020 foi marcado pelo início da pandemia de Covid-19, no qual foram adotadas medidas de isolamento social e de confinamento. Ano marcado por muito luto, pela quantidade de mortos e infectados por todo mundo, assim como no ano subsequente.

Com o aumento no número de casos e a necessidade de divulgar as informações sobre a prevenção e conscientização contra o Covid-19, as redes sociais, canais no YouTube, entre outras mídias, passaram a ser usados com mais frequência. Além disso, como grandes eventos públicos e shows foram suspensos, artistas e grandes marcas, a fim de arrecadar fundos para auxiliar famílias de músicos, entre outras profissões que ficaram temporariamente sem

trabalho, fizeram transmissões online (Lives) pelas redes sociais. Com isso, o trabalho de um profissional, até outrora anônimo, ganhou visibilidade nacional: o intérprete de Libras.

Diante disso, o objetivo deste artigo é discorrer sobre essa visibilidade durante a pandemia do Covid-19 no Brasil, como suas expressões faciais e corporais, evidenciadas em comentários e chats das Lives, estão intrinsecamente ligados à Língua de Sinais e o quanto esses elementos são importantes para o surdo. Além disso, faremos um paralelo sobre a atuação desse profissional na escola, nas aulas de Matemática.

O intérprete de Libras começou a figurar nas transmissões oficiais e nas Lives e acabou ganhando um destaque nem sempre positivo, virando alvo de elogios, chacotas, memes etc. Contudo, o que poucas pessoas sabem é que aquelas expressões fazem parte do processo de interpretação e da cultura surda.

A ideia de escrever sobre o tema e as percepções sobre a atuação dos intérpretes nos eventos supracitados surgiu por causa da inserção do primeiro autor na área, trabalhando há anos como intérprete de Libras e, atualmente, em uma universidade federal. Em relação à escola, as percepções são desse mesmo intérprete-autor que também é professor de Matemática, mestrando em um programa de Educação Matemática e de sua orientadora.

As percepções passam por um misto de curiosidade inicial pelos comentários durante e após as Lives, em entender o que levou/gerou tantas impressões boas e ruins sobre os colegas de profissão. Então percebi que aquilo que para nós, intérpretes e surdos, é comum acaba sendo estranho para os demais, mesmo que muitas vezes as expressões faciais e movimentos corporais estejam inseridas no cotidiano de todos.

Para a realização deste artigo foi feito um ensaio teórico e dentre os autores estudados temos: Quadros (2004), Gesser (2009), Lacerda (2011), Perlin (2006), além da legislação vigente em nosso país. Os trabalhos e leis analisados embasaram a problemática apresentada identificando conceitos e diretrizes norteadoras da atuação do intérprete e fatores da cultura surda essenciais para o uso da Libras. No que segue, cabe fazer alguns apontamentos sobre a Língua Brasileira de Sinais.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras

A Língua de Sinais brasileira começou a tomar forma ou mesmo ganhar força ainda no período colonial. Em junho de 1855, E. Huet apresentou ao Imperador D. Pedro II um relatório cujo conteúdo revelava a intenção de fundar uma escola para surdos no Brasil. Com

o início da educação formal dos surdos brasileiros começamos a moldar nossa língua de sinais, que seria uma derivação da língua francesa de sinais.

Segundo o Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, em seu artigo 2º:

Considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras;

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz. (BRASIL, 2005, p. 01).

O censo realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta que tinha aproximadamente 10 milhões de surdos no Brasil. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) cerca de 5 % da população mundial apresenta surdez.

A Libras foi reconhecida como língua oficial brasileira pela Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, ou seja, além do reconhecimento de uma estrutura que lhe garante o status de língua, e não linguagem, é a segunda língua oficial do Brasil. Ainda segundo a referida lei, entende-se como Libras:

A forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. [...]

Art. 2º - Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. (BRASIL, 2002, p. 01).

Em 1960, o linguista americano Stokoe atribuiu o status de Língua para as línguas de sinais, através de estudos acerca da Língua Americana de Sinais (ASL), afinal, observou-se que as línguas na modalidade espaço-visual são regidas pelo que o autor nomeou de parâmetros. Estes não carregam significado isoladamente e obedecem a uma simultaneidade na execução dos sinais, a saber: configuração de mão (CM), locação ou ponto de articulação (PA) e movimento (M). Posteriormente, Battison (1974 - 1978) atribuiu às línguas de sinais mais dois parâmetros, são eles: orientação das mãos (Or) e expressões faciais/corporais (NM), todos os cinco parâmetros correspondem aos fonemas da língua de sinais. Diante o exposto, temos os 5 parâmetros da Libras:

- Configuração de mão: é formato que se dá à mão para demonstrar um determinado sinal;
- Ponto de articulação: local específico ou inicial para apresentação do sinal em algum ponto do corpo ou espaço;

- Movimento: parâmetro que apresenta o sinal e seu respectivo sinal com movimento;
- Orientação ou direção: parâmetro que apresenta o sinal através de um movimento direcionado de um ponto a outro em uma direção específica;
- Expressão corporal e facial: parâmetro que contribui ao significado do sinal como uma entonação na língua de sinais, determinando muitas vezes a intensidade. (TV INES, 2013, s/p)

Esses parâmetros estão presentes na estrutura da Libras, porém, um sinal não necessariamente apresenta todos eles em sua composição. No mesmo sinal é possível encontrar um ou mais dos parâmetros apresentados, contudo, nem sempre o sinal possui todos os cinco itens, mencionados acima, em sua formação.

Expressão corporal e facial também recebe a denominação: “Expressões não manuais” e, como dito anteriormente, fazem parte da Libras. No entanto, o que muitas vezes há uma confusão quanto sua utilização. Nem todos os sinais precisam desses elementos. Muitas pessoas ao verem surdos conversando acreditam que estão brigando ou discutindo porque suas expressões são bem acentuadas, porém essas marcações fazem parte da prosódia¹ da Língua de Sinais, que necessita destas características para ser melhor compreendida.

O uso dessas expressões se dá pelo fato de que a Libras é uma língua visual-espacial e como a prosódia não está presente nesse processo de comunicação, são utilizados marcadores faciais e corporais como parte fundamental para a compreensão.

Se formos comparar a Libras com nosso idioma oficial é possível perceber que o regionalismo tem influência direta em sua utilização, pois, na língua portuguesa falada encontramos variações linguísticas dentro de nosso país e, de forma similar a língua de sinais, também apresenta essas variações que podem ser relacionadas, nos dois casos, à cultura local.

O intérprete de libras na pandemia em 2020

Os intérpretes de Libras estão presentes nos mais variados contextos, desde a área da educação até no âmbito religioso e, embora seja uma profissão bem antiga, o reconhecimento legal só foi alcançado em 2010 com a promulgação da Lei 12.319 de 1º de setembro.

Embora seja uma profissão que teve seu reconhecimento legal no Brasil em 2010, é possível encontrar relatos de atuação deste profissional há muito tempo. No ano de 1988, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) realizou o 1º Encontro Nacional de intérpretes no Rio de Janeiro. Este profissional, em geral, dava acessibilidade ao

¹ Parte da gramática tradicional que se dedica às características da emissão dos sons da fala, como o acento e a entonação.

surdo à TV em divulgações de mensagens de governos, em diferentes âmbitos, e em propagandas partidárias.

Em 2017, a Libras começou a ter visibilidade após a primeira dama, Michelle Bolsonaro, se expressar publicamente em Língua de Sinais a fim de divulgar e incluir a comunidade surda em assuntos relacionados a política.

Com o advento da pandemia, o profissional intérprete começou a ter uma visibilidade maior e aparecer em outros eventos, além dos citados acima. No entanto, cabe destacar que sua participação nas transmissões é prevista como garantia de acesso à informação para a comunidade surda brasileira desde 2000, por meio da Lei 10.098 de 19 de dezembro de 2000, também chamada de Lei da Acessibilidade, que em seu artigo 19, diz:

Os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra subtítuloção, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva, na forma e no prazo previstos em regulamento. (BRASIL, 2000, p. 06).

Diante disso, a janela com o intérprete foi adicionada em mais transmissões, mas ainda não é o suficiente para que o surdo tenha total acesso à informação e entretenimento aos serviços de radiodifusão como pontua a Lei. Nesta perspectiva, pronunciamentos governamentais, propagandas de conscientização sobre o Covid-19 e Lives de cantores foram proporcionando o aparecimento e divulgação dos intérpretes e da Libras:

Quanto mais se reflete sobre a presença dos intérpretes de Língua de Sinais, mais se compreende a complexidade de seu papel, as dimensões e a profundidade de sua atuação. Mais se percebe que os intérpretes de Língua de Sinais são também intérpretes da cultura, da língua, da história, dos movimentos, das políticas da identidade e da subjetividade surda, e apresentam suas particularidades, sua identidade, sua orbitalidade. (PERLIN, 2006, p.137).

Embora muitos dos comentários sobre a atuação do intérprete sejam motivo de risadas ou mesmo de chacota, toda a interpretação demanda seriedade e um complexo processo de concentração e conversão da língua fonte para a língua alvo. Segundo o Código de Ética do Tradutor e Intérprete de Libras, temos que a interpretação deve seguir cinco características principais, que são:

1º. O intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confiante e de equilíbrio emocional. Ele guardará informações confidenciais e não poderá trair confidências, as quais foram confiadas a ele;

2º. O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo;

3º. O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar dos limites de sua função e não ir além de a responsabilidade;

4º. O intérprete deve reconhecer seu próprio nível de competência e ser prudente em aceitar tarefas, procurando assistência de outros intérpretes e/ou profissionais, quando necessário, especialmente em palestras técnicas;

5º. O intérprete deve adotar uma conduta adequada de se vestir, sem adereços, mantendo a dignidade da profissão e não chamando atenção indevida sobre si mesmo, durante o exercício da função. (QUADROS, 2004, p. 31, 32)

Dando destaque ao item de número 3 podemos perceber o porquê das “caras e bocas” feitas pelos intérpretes durante as transmissões, pois as expressões faciais e corporais dizem muito sobre a maneira como a mensagem está sendo emitida. Isso é explicado pelo parâmetro das expressões não manuais, onde, a fala do emissor da mensagem deve ser transmitida com o mesmo sentimento e intensidade. Para o surdo a mensagem “soaria” de forma estranha, uma vez que ele está vendo o emissor com a feição agressiva enquanto o intérprete estaria com uma postura serena.

Sendo assim, nas Lives sertanejas, por exemplo, as quais algumas músicas fazem menção à traição, ao abandono ou à uma situação de “sofrência”, como os cantores intitulam, o intérprete não poderia fazer seu trabalho de forma coerente se não conseguisse demonstrar ao surdo todo sentimento de tristeza e amargura expressadas pelo cantor.

Para Lacerda (2011),

O trabalho do intérprete não pode ser visto apenas como um trabalho linguístico; também é necessário considerar a esfera cultural e social na qual o discurso está sendo anunciado, sendo fundamental conhecer o funcionamento e os diversos usos da linguagem. (LACERDA, 2011, p. 21).

Ou seja, os aspectos da cultura surda estão nitidamente envolvidos no processo de interpretação. Como falado anteriormente, para os ouvintes o discurso é compreendido através da prosódia, no entanto as expressões faciais também estão presentes, contudo, talvez não sejam tão observadas ou ressaltadas (em comentários, principalmente) como na Libras.

Interjeições como espanto, felicidade, medo ou dúvida, por exemplo, são marcadas por sons nas línguas orais, enquanto nas Línguas de Sinais os marcadores não manuais (expressões corporais e faciais) fazem a mesma função.

Embora estejamos falando das características do trabalho deste profissional, vale ressaltar que nem todos os intérpretes que estão aparecendo estão prontos para atuação, porém

por motivos financeiros ou outros alheios a compreensão, estão aparecendo nas transmissões e acabam prejudicando toda categoria. Quando as críticas são feitas por pessoas que não tem conhecimento técnico, como podemos observar em comentários das Lives no Youtube, por exemplo, acabam ganhando uma conotação humorística/vexatória, contudo, quando parte do olhar de um especialista da área deixa de ser algo engraçado e passa a ser visto como falta de preparo profissional.

Segundo o código de ética da categoria,

3º. O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar dos limites de sua função e não ir além de a responsabilidade;

4º. O intérprete deve reconhecer seu próprio nível de competência e ser prudente em aceitar tarefas, procurando assistência de outros intérpretes e/ou profissionais, quando necessário, especialmente em palestras técnicas;

5º. O intérprete deve adotar uma conduta adequada de se vestir, sem adereços, mantendo a dignidade da profissão e não chamando atenção indevida sobre si mesmo, durante o exercício da função. (MEC, 2004, p. 32).

Embora o texto cite especificamente sobre palestras técnicas, é possível estender o campo de abrangência para todos os segmentos da interpretação, uma vez que o ato de interpretar acarreta na comunicação eficiente para a comunidade surda, que acaba sendo posta à margem da sociedade, como outros grupos vulneráveis² e o trabalho do profissional em questão pode fazer com que esta marginalização possa ser minimizada.

O Intérprete de Libras na escola: o caso do ensino da Matemática

Pensando nesse contexto da pandemia e do ensino remoto emergencial que acarretou mudanças nos moldes da educação, temos a atuação do intérprete também tendo que se adaptar. Para dar início a esse contexto, vale destacar o que a legislação dispõe sobre a formação desse profissional. O Decreto 5.626/2005 nos traz que,

Art. 17. A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.

Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - Cursos de educação profissional;

² Conforme Unesco (2005) os grupos vulneráveis à exclusão ou marginalização são: crianças abusadas, trabalhadores infantis, refugiados ou crianças desabrigadas, migrantes, minorias religiosas, trabalhadores infantis domésticos, crianças atingidas pela pobreza, minorias linguísticas, minorias étnicas, crianças de rua, crianças em zonas de conflito/crianças-soldados, pessoas com deficiência, crianças nômades, órfãos HIV positivos.

II - Cursos de extensão universitária; e

III - Cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III. (BRASIL, 2005, p.06).

É possível perceber que existe um cuidado para que haja uma formação mínima para atuação, que foca na utilização da Língua de Sinais. Entretanto, esses profissionais, quando no ambiente escolar, se deparam com as mais diferentes interpretações e componentes curriculares, como a disciplina Matemática.

Ferrari (2014) aponta em sua dissertação as dificuldades encontradas por falta de conhecimentos específicos na atuação do intérprete durante as aulas de Matemática. Dentre elas podemos destacar: a falta de sinais específicos relacionados a Matemática; a formação inicial do intérprete, pois, todos os entrevistados eram formados em outras áreas, (Pedagogia e Letras); e a falta de conhecimentos técnicos relacionados a interpretação.

Uma das estratégias apontadas por Quadros (2004) é que “[...] o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente” (p. 27). Além disso, conseguir os materiais e conteúdos a serem trabalhados pelo professor regente, antecipadamente, para estudos facilitaria na hora das interpretações.

Outro fator que é possível colocar em evidência é: De quem é a responsabilidade pelos processos de ensino e de aprendizagem do surdo? Como descrito anteriormente pelo Código de Ética do Intérprete de Libras, sua função é promover a comunicação entre o locutor e seu ouvinte, ou seja, mediar o discurso, sem expor suas opiniões ou fazer qualquer juízo de valor, pois ele está ali auxiliando a comunicação.

Sendo assim, é possível atribuir a responsabilidade somente para o professor? Como pode o docente facilitar a aprendizagem sem ao menos conseguir se comunicar com o aluno? Vejamos que temos os dois lados e que tanto docente quanto intérprete tem papéis importantes e distintos durante o ensino e a aprendizagem. Será que somente esses dois profissionais são suficientes para atender ou garantir ao surdo condições de aprendizagem favoráveis? Conforme Lacerda (2010):

A presença do Intérprete em sala de aula e o uso da língua de sinais não garantem que as condições específicas da surdez sejam contempladas e respeitadas nas atividades pedagógicas. Se a escola não atentar para a metodologia utilizada e currículo proposto, as práticas acadêmicas podem ser bastante inacessíveis ao aluno surdo, apesar da presença do intérprete (LACERDA, 2010, p. 128)

Observando a fala de Lacerda (2010) podemos entender que existe a necessidade de um engajamento maior da comunidade escolar, como um todo, para que o surdo consiga se desenvolver no âmbito acadêmico. A presença do intérprete e a utilização da língua de sinais dentro da escola podem favorecer esse processo, entretanto, somente elas não sanam as lacunas de aprendizagem que por vezes está relacionada a questões linguísticas e de comunicação ou falta de informação.

Considerações Finais

O ano de 2020 para os intérpretes de Libras ficará marcado pela visibilidade alcançada, futuramente esperamos poder contar que esse ano foi um divisor de águas para a profissão. Com isso, esperamos alcançar melhorias na qualidade de trabalho e maior valorização profissional e financeira pela atuação.

As aparições em transmissões oficiais e nas redes sociais permitiram que os surdos pudessem ter acessibilidade e serem incluídos em acontecimentos políticos, econômicos e sociais. Ainda que o intuito deste trabalho não foi discorrer sobre a qualidade técnica das interpretações, é possível ressaltar que existe um longo caminho a ser percorrido para que as práticas inerentes a profissão do intérprete possa alcançar melhorias significativas.

A participação deste profissional, no contexto atual, promove a acessibilidade para a comunidade surda, pois permite que as principais informações sejam vistas por esse grupo que muitas vezes é privado. Ainda existe muito a ser feito para garantir os direitos da pessoa surda e do próprio intérprete, elevar essa acessibilidade para outras áreas da sociedade deve ser encarado como essencial após essa pandemia.

Já no que tange as expressões corporais e faciais vistas durante o processo de interpretação, podemos concluir que se trata de fatores primordiais para uma compreensão clara do discurso e faz parte da cultura surda. Na sala de aula, o tradutor e intérprete de Libras tem como principal função auxiliar a comunicação entre surdos e ouvintes, sua atuação frente à conteúdos específicos acabam sendo limitados por questões de formação acadêmica ou ainda falta de conhecimento técnico durante o discurso. Estratégias educacionais diferenciadas, negociações de sinais e adaptações se fazem necessárias para que o sujeito surdo possa compreender e acompanhar as aulas de forma mais efetiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 10 jan. 2022.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acesso em: 10 jan. 2022.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20so bre%20a%20L%C3%ADngua%20 Brasileira,Art. Acesso em: 10 jan. 2022.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm. Acesso em: 13 jan. 2022.

FERRARI, Ana Carolina Machado. Atuação do tradutor intérprete de Libras na aprendizagem matemática de surdos no Ensino Fundamental. 2014. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188278/FERRARI%20Ana%20Carolina%20Machado%202014%20%28disserta%C3%A7%C3%A3o%29%20UFMG.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 25 jun. 22.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GOULART, Daiana San Martins. Narrativas de si e do ser Tradutor/Intérprete de Libras no Ensino Superior. 2017. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Luterana do Brasil. Canoas/RS, 2017.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O intérprete de língua de sinais em sala de aula: experiência de atuação no ensino fundamental. Revista Contrapontos, v. 5, n. 3, p. 353-367, 2005.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O intérprete educacional de língua no ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=24&idart=246>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. O que é COVID-19? Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 08 ago. 2020.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS). ETD: Educação Temática Digital, v. 7, n. 2, p. 136-147, 2006. A cultura surda e os intérpretes de Língua de Sinais, ETD Educação temática digital, Campinas, v.7, n.2, jun/p.135-146, 2006.

PORTO, Nádia dos Santos Gonçalves. O que dizem os Tradutores Intérprete de Libras sobre atuar em disciplinas de matemática no ensino superior. 2019. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/RS, 2019. O que dizem os

Tradutores Intérprete de Libras sobre atuar em disciplinas de matemática no ensino superior. Disponível em:

http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/4584/1/d_2017___Nadia.pdf. Acesso em: 13 jan. 2022.

QUADROS, Ronice Müller de. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Secretaria de Educação Especial; Brasília: MEC; SEESP, 2007.

TV INES. Aula de Libras - Parâmetros - Configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão corporal e facial. Esses são alguns dos parâmetros para o aprendizado de Libras e Heveraldo explica cada um. 2013. (11:13). Disponível em: <<http://tvines.org.br/?p=707>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

UNESCO. Guidelines for inclusion: Ensuring access to Education for All. Unesco, 2005.

